

Actas do 13º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde

Organizado por Henrique Pereira, Samuel Monteiro, Graça Esgalhado, Ana Cunha, & Isabel Leal

30 de Janeiro a 1 de Fevereiro de 2020, Covilhã: Faculdade de Ciências da Saúde

A ADESÃO AO DUPLO PADRÃO SEXUAL EM JOVENS ADULTOS EM FUNÇÃO DO GÉNERO E DA ORIENTAÇÃO SEXUAL

Ricardo Almeida¹ (✉ ricardo.alvim1@gmail.com), Ana Carvalheira¹, & Pedro Alexandre Costa¹

¹ William James Center for Research, ISPA – Instituto Universitário, Portugal

O duplo padrão sexual enquanto conceito foi primeiro investigado na década de 50 (Reiss, 1956) e é a noção de que as mulheres são avaliadas negativamente por terem comportamentos sexuais semelhantes aos dos homens. A investigação na década de 60 mostra uma forte presença do duplo padrão sexual, no qual os homens reportaram consistentemente atitudes mais permissivas e maior abertura a experiências sexuais, enquanto que as mulheres reportavam ter menos permissividade no que diz respeito a atitudes e experiências sexuais (Reiss, 1956), tendo em conta o papel da mulher na sociedade, tal era expectável. No entanto entre os anos 1960 e 1980 existiram fortes mudanças culturais como por exemplo a revolução sexual nos EUA, o movimento feminista e a pilula, que deram mais controlo à vida das mulheres. Estes momentos foram um ponto de viragem também na investigação no que diz respeito ao duplo padrão sexual. Alguns estudos sugerem uma maior homogeneidade de resultados, nos quais são relatadas atitudes e experiências mais permissivas por parte das mulheres, ainda que o duplo padrão sexual persista nesta altura (Heer & Grossbard-Shechtman, 1981; Peplau, Rubin, & Hill, 1977). Hyde e Oliver (1993), através de um estudo de meta análise que incluiu 177 artigos reportaram que existia uma grande diferença entre géneros no que diz respeito a sexo casual, sendo que os homens mostraram ter consideravelmente atitudes mais permissivas do que as mulheres, ainda que esta heterogeneidade tenha diminuído entre 1960 e 1980.

A EVOLUÇÃO DO DUPLO PADRÃO SEXUAL E INCONSISTÊNCIA NA INVESTIGAÇÃO

Avançando para o novo milênio é possível ver algumas diferenças mais marcantes na investigação. Um estudo longitudinal onde foram recolhidos resultados em 3 momentos (1981, 1991 e 2001), com o objetivo de estudar as mudanças nas atitudes e comportamentos em relação ao sexo pré-marital em estudantes, reportou que ainda que os homens mostrassem atitudes mais permissivas em relação ao sexo, as mulheres tornaram-se significativamente mais permissivas no que diz respeito a relações sérias e casuais (Earle et al., 2007). Marks e Fraley (2005), com uma amostra de 8,224 jovens adultos estudantes universitários, reportaram não ser possível encontrar um duplo padrão sexual. Zhang, Miller e Harrison (2008) usando o DSS (*Double Standard Scale*) numa população de jovens adultos de modo a perceberem como o duplo padrão sexual pode estar relacionado com exposição sexual em videoclips, reportaram que apesar de esta exposição predizer uma aceitação do mesmo, encontraram resultados de muito baixa aderência ao duplo padrão sexual em ambos os sexos. Tal como em Green e Faulkner (2008) usando a mesma medida para avaliar o quão o duplo padrão sexual influenciava a qualidade e quantidade de comunicação em casais heterossexuais encontraram que casais que mostram uma menor aceitação ao duplo padrão sexual falam mais sobre as suas questões sexuais e que não houve por parte de nenhum dos géneros uma forte aceitação do duplo padrão sexual. Allison e Risman (2013) num estudo sobre o duplo padrão em estudantes universitários reportaram que não encontraram um duplo padrão em 75% ainda que os homens tenham maior propensão para aderir ao duplo padrão tradicional e as mulheres para terem atitudes mais igualitárias.

A literatura no que diz respeito ao duplo padrão sexual em jovens adultos ainda é, no entanto, algo inconsistente. Num estudo realizado em 2019 em jovens adultos, com o objetivo de compreender se o duplo padrão sexual emergia em avaliações de amigos e conhecidos reais dos participantes, os investigadores reportam que as mulheres ainda são avaliadas mais negativamente comparativamente aos homens, quanto mais parceiros sexuais tinham (Marks, Young, & Zaikman 2019). Outro estudo em 2017 em jovens adultos, investigou o duplo padrão sexual, através das avaliações

dos participantes perante outras pessoas iniciarem uma variedade de comportamentos não monogâmicos consensuais (poliamor, *swing*, relação aberta e sexo em grupo). Os resultados indicaram, contrariamente ao previsto pelos investigadores, que iniciadores de comportamentos sexuais por parte das mulheres foram julgados menos severamente do que por homens (Thompson, Hart, Stefaniak, & Harvey 2017).

INVESTIGAÇÃO EM PORTUGAL

Apesar de escassa, a investigação em Portugal apresenta resultados semelhantes à acima descrita. Ramos, Carvalho e Leal (2005) realizaram um estudo com 142 jovens universitárias, com o objetivo de estudar as perceções em relação ao duplo padrão sexual. Este estudo focou-se nas perceções de comportamentos sexuais pré-maritais, a um nível pessoal e em relação a um contexto social. A nível social os resultados sugerem que a maioria das participantes mostra uma tendência para perpecionar a presença de um duplo padrão sexual nos julgamentos relativos à sexualidade pré-marital. A nível pessoal é sugerido que as mulheres defendem um duplo padrão sexual singular, assente na igualdade de oportunidades para ambos os géneros. (Ramos et al., 2005). No mesmo sentido, Alves, Amâncio e Alferes (2008) realizaram um estudo com uma amostra de 308 estudantes. Este estudo teve como objetivo identificar e caracterizar um duplo padrão sexual, tanto a nível individual como social, no que diz respeito a comportamentos sexuais pré-maritais, tendo como foco o género dos participantes, religião e opinião política. Os resultados mostram uma adesão ao duplo padrão sexual a nível individual, mas para uma maior consensualidade na sua forma social, ou seja, nos julgamentos e nas avaliações dos comportamentos sexuais pela sociedade em geral.

O DUPLO PADRÃO SEXUAL E ORIENTAÇÃO SEXUAL

A investigação feita sobre esta dimensão com um foco em populações não heterossexuais é, no mínimo, escassa. A regra geral é de agrupar as

populações numa só amostra, assumindo-se a heterossexualidade como norma. Como tal, não é possível incluir literatura diretamente correlacionada com o presente estudo. No entanto, estudos como o de Zaikman, Marks, Young e Zeiber (2016) estudaram como é que a população Lésbica, Gay e Bissexual (LGB) e heterossexual se comparam quando são alvo de avaliação de comportamentos sexuais. Ou seja, como é que participantes classificaram indivíduos fictícios consoante orientação sexual e quantos parceiros sexuais estes indivíduos teriam. Os resultados indicam que o duplo padrão sexual parece persistir na população LGB, ou seja, que os homens e mulheres LGB são avaliados de um modo diferente quando têm comportamentos sexuais semelhantes. Ainda que, o comportamento sexual em si, seja um preditor melhor de discriminação por parte de outros, a orientação sexual também foi significativa (Zaikman, Marks, Young, & Zeiber, 2016).

Visto não ser possível incluir literatura de comparações diretas entre diferentes orientações sexuais no que diz respeito ao duplo padrão sexual, torna-se relevante observar os comportamentos sexuais nestas populações. No que diz respeito aos comportamentos sexuais na população LGB, Breyer, Smith, Eisenberg, Ando, Rowen e Shindel (2010), realizaram um estudo com o objetivo de estudar sexualidade e função sexual em diferentes orientações sexuais. A população alvo foram jovens estudantes e completaram diversos instrumentos sobre experiências e práticas sexuais e disfunções sexuais. Os investigadores reportam que os homens heterossexuais tendem a ter menos parceiros, não só nos últimos 6 meses como ao longo da vida, do que os homens homossexuais e bissexuais. As mulheres, semelhantemente, reportam ter no geral menos experiências sexuais, não só de sexo como masturbação. Do mesmo modo Grulich, Visser, Smith, Rissel e Richters (2003) realizaram um estudo com o objetivo de descrever a prevalência e características de experiências sexuais homossexuais. Foi utilizada uma amostra de 9134 adultos. Foi desenvolvido um questionário com diversas questões sobre experiências e frequência de práticas sexuais, para participantes de diferentes orientações sexuais. Os investigadores reportaram que tanto os homens como mulheres homossexuais e bissexuais afirmam ter mais parceiros sexuais do que os participantes heterossexuais. Noutro estudo com o objetivo de estudar comportamentos de risco em jovens estudantes, com foco nas diferenças de orientação sexual, os investigadores reportam que mulheres

com experiências sexuais com ambos os gêneros e homens com experiências sexuais com ambos ou apenas o mesmo gênero, reportam ter mais parceiros sexuais recentes do que participantes que apenas tiveram relações sexuais com parceiros do gênero oposto (Eisenberg & Wechsler, 2003).

O PRESENTE ESTUDO

O objetivo do presente estudo é de investigar a prevalência do duplo padrão sexual em Portugal tendo como foco a orientação sexual. Iremos procurar analisar se existem diferenças significativas entre diferentes orientações sexuais e se existem, se se devem ao gênero dos participantes. Contudo, perante a falta de literatura que existe sobre a adesão ao duplo padrão sexual em populações LGB é impossível existir uma comparação direta com literatura prévia, no entanto o duplo padrão sexual mede a permissividade de um indivíduo perante vários comportamentos direta ou indiretamente relacionados com sexualidade. Tendo em conta estudos sobre comportamentos sexuais que incluem populações LGB reportarem que esta população apresenta uma maior frequência de comportamentos sexuais (Breyer, Smith, Eisenberg, Ando, Rowen, & Shindel, 2010; Eisenberg & Wechsler, 2003; Grulich, Visser, Smith, Rissel, & Richters, 2003) prevemos que existirá uma diferença significativa entre participantes heterossexuais e LGB, na qual os participantes LGB (Lésbica, Gay e Bissexual) irão aderir menos ao duplo padrão sexual. Adicionalmente, prevemos que esta diferença não se deverá ao gênero dos participantes.

MÉTODO

Participantes

A amostra foi composta por 1,269 jovens adultos, dos quais 798 mulheres (62,9%) e 471 homens (37,1%). Estes participantes eram

maioritariamente estudantes ou ex-estudantes universitários, com idades compreendidas entre os 18 e 30 anos ($M=22,98$; $SD=2,95$). A amostra foi dividida em 1083 participantes heterossexuais (85,3%) e 186 participantes LGB (14,7%). No que diz respeito aos indicadores sociodemográficos, para o presente estudo, iremos apenas incluir género e orientação sexual. Sendo que apenas foram incluídos para a seguinte análise, participantes que se identificaram como homem ou mulher e participantes heterossexuais (85,3%), gays/lésbicas (5,4%), e bissexuais ou pansexuais (9,2%).

Instrumentos

Double Standard Scale (DSS; Caron, Davis, Halteman, & Stickle, 1993). Este instrumento de 10 itens com uma escala de Likert de 1 a 5 (discordo totalmente a concordo totalmente) (e.g., “É esperado que uma mulher seja sexualmente menos experiente do que o seu parceiro”), foi desenhado para medir a permissividade em relação a diversos comportamentos sexuais, ou seja, a aceitação de um duplo padrão sexual tradicional. A análise fatorial exploratória revelou um alfa de cronbach de .804.

Sexual Relationships and Activities Questionnaire (SRA-Q; ELSA Wave 6, 2012/13). De uma extensa variedade de instrumentos de sexualidade presentes neste protocolo, escolhemos usar a de atitudes perante o sexo, devido ao facto de existirem itens relevantes ao duplo padrão sexual presentes nesta escala que complementam a anterior. Uma análise fatorial exploratória revela um alfa de cronbach de .716. Esta escala inclui 10 itens com uma escala de Likert de 1 a 5 (discordo totalmente a concordo totalmente) (e.g., “É errado dois adultos do mesmo sexo terem relações sexuais”).

Procedimentos

Os dados foram recolhidos entre outubro de 2016 e março de 2017. Os participantes foram recrutados online através de *snowball sampling* em mais de 60 grupos universitários de Facebook. Foi primeiramente apresentado um consentimento informado sobre a participação no estudo. De seguida, os participantes responderam a uma escala sociodemográfica

e quatro instrumentos, dos quais apenas dois serão utilizados na seguinte análise de resultados.

A análise dos resultados foi realizada através do SPSS v. 23.0 (SPSS Inc., Chicago, IL, USA). Foram realizadas duas ANCOVAS de modo a comparar grupos (género e orientação sexual) e com o objetivo de compreender se existiam diferenças entre orientação sexual e se estas diferenças permaneceram após controlar o efeito do género.

RESULTADOS

Foi realizada uma primeira ANCOVA *One-Way* para comparar as diferenças entre pessoas heterossexuais e pessoas LGB, no que diz respeito à aderência ao duplo padrão sexual, controlando o possível efeito de género dos participantes. Existiu uma diferença significativa entre as orientações sexuais depois de controlar o efeito do género [$F(1,1269)=20,093, p<.001$], $F(\text{género})=21,989$. Quando observadas as médias, esta diferença representa uma menor adesão ao duplo padrão sexual por parte da população LGB (cf. Tabela 1).

Tabela 1

Adesão ao duplo padrão sexual e permissividade

	LGB (n=186)		Heterossexual (n=1083)	
	M	DP	M	DP
Duplo Padrão Sexual tradicional (1ª escala)	4,53	0,53	4,34	0,62
Permissividade (2ª escala)	4,68	0,48	4,31	0,76

Nota. Quanto mais elevada a Média, menor a adesão ao duplo padrão sexual.

De seguida foi realizada outra ANCOVA utilizando o segundo instrumento, que mede a variável permissividade. Foram novamente comparadas as diferenças entre orientações sexuais, no que diz respeito à aderência ao duplo padrão sexual, enquanto controlado o género dos participantes. Existiu uma diferença significativa entre as orientações sexuais depois de controlar o efeito do género [$F(1,1265)=41,081, p<.001$],

$F(\text{género})=1,126$. Novamente, quando observadas as médias, as diferenças mostram uma menor adesão ao duplo padrão sexual por parte da população LGB (cf. Tabela 1).

DISCUSSÃO

O estudo realizado teve como objetivo principal investigar a prevalência do duplo padrão sexual em Portugal com foco na orientação sexual. Sendo que a investigação sobre esta dimensão em populações LGBT é escassa, é impossível fazer uma comparação direta com literatura prévia. No entanto foi possível observar uma diferença estatisticamente significativa entre orientações sexuais em ambas as escalas do duplo padrão sexual, mesmo quando controlado o género. A população LGB adere menos a um duplo padrão do que a população heterossexual, ou seja, apresentam comportamentos mais permissivos. Isto vai de encontro à nossa hipótese de estudo, na qual previmos que existiria uma diferença significativa entre participantes heterossexuais e LGB, na qual os participantes LGB mostrariam menor adesão ao duplo padrão sexual mesmo quando controlado o género. O duplo padrão sexual mede o quão aceitável são diversos comportamentos sexuais, desde relações sexuais sem amor, a atitudes como uma mulher andar com um preservativo. Visto que a população LGB frequentemente reporta uma maior frequência de experiências e comportamentos sexuais versus uma população heterossexual (Breyer, Smith, Eisenberg, Ando, Rowen, & Shindel, 2010; Eisenberg & Wechsler, 2003; Grulich, Visser, Smith, Rissel, & Richters, 2003), é compreensível os resultados apresentados mostrarem que a população LGB mostra uma maior adesão a atitudes e crenças que promovem uma igualdade de comportamentos sexuais para homens e mulheres e orientações sexuais diferentes.

Futura investigação deve incluir população LGBT, visto a literatura neste sentido ser quase inexistente. A investigação sobre o duplo padrão sexual poderá ser melhorada com metodologias alternativas como o uso de polígrafos falsos (Alexander & Fisher, 2003).

Este estudo faz um contributo importante no que diz respeito à investigação sobre o duplo padrão sexual não só em Portugal, como na investigação sobre diferenças entre populações heterossexual e LGB. Através de uma amostra extensa de jovens adultos foi possível observar que a população LGB adere menos a um duplo padrão sexual mostrando acreditar numa igualdade de comportamentos, independentemente do género ou orientação sexual.

REFERÊNCIAS

- Alexander, M. G., & Fisher, T. D. (2003). Truth and consequences: Using the bogus pipeline to examine sex differences in self! reported sexuality. *Journal of Sex Research, 40*, 27-35.
- Allison, R., & Risman, B. J. (2013). A double standard for “Hooking Up”: How far have we come toward gender equality?. *Social Science Research, 42*, 1191-1206.
- Alves, M. P., Amâncio, L., & Alferes, V. R. (2008). Género e representações sociais: Duplo-padrão sexual em função da religião e da posição política. *Psicologia, 22*, 139-160.
- Breyer, B. N., Smith, J. F., Eisenberg, M. L., Ando, K. A., Rowen, T. S., & Shindel, A. W. (2010). The impact of sexual orientation on sexuality and sexual practices in North American medical students. *The Journal of Sexual Medicine, 7*, 2391-2400.
- Caron, S. L., Davis, C. M., Halteman, W. A., & Stickle, M. (1993). Predictors of condom! related behaviors among first! year college students. *Journal of Sex Research, 30*, 252-259.
- Earle, J. R., Perricone, P. J., Davidson, J. K., Moore, N. B., Harris, C. T., & Cotten, S. R. (2007). Premarital sexual attitudes and behavior at a religiously-affiliated university: Two decades of change. *Sexuality and Culture, 11*, 39-61.
- Eisenberg, M., & Wechsler, H. (2003). Substance use behaviors among college students with same-sex and opposite-sex experience. *Addictive Behaviors, 28*, 899-913.

- Grulich, A. E., Visser, R. O. D., Smith, A. M., Rissel, C. E., & Richters, J. (2003). Sex in Australia: Homosexual experience and recent homosexual encounters. *Australian and New Zealand Journal of Public Health, 27*, 155-163.
- Heer, D. M., & Grossbard-Shechtman, A. (1981). The impact of the female marriage squeeze and the contraceptive revolution on sex roles and the women's liberation movement in the United States, 1960 to 1975. *Journal of Marriage and the Family, 43*, 49-65.
- Hyde, J. S., & Oliver, M. B. (1993). Gender differences in sexuality: Results from meta-analysis. *Psychological Bulletin, 224*, 29-51.
- Marks, M. J., & Fraley, R. C. (2005). The sexual double standard: Fact or fiction?. *Sex Roles, 52*, 175-186.
- Zaikman, Y., Marks, M. J., Young, T. M., & Zeiber, J. A. (2016). Gender role violations and the sexual double standard. *Journal of Homosexuality, 63*, 1608-1629.
- Marks, M. J., Young, T. M., & Zaikman, Y. (2019). The sexual double standard in the real world. *Social Psychology, 50*, 67-79.
- Peplau, L. A., Rubin, Z., & Hill, C. T. (1977). Sexual intimacy in dating relationships. *Journal of Social Issues, 33*, 86-109.
- Ramos, V., Leal, I., & Carvalho, C. (2005). Atitudes e comportamentos sexuais de mulheres universitárias: A hipótese do duplo padrão sexual. *Análise Psicológica, 23*, 173-185.
- Reiss, I. L. (1956). The double standard in premarital sexual intercourse: A neglected concept. *Social Forces, 34*, 224-230.
- Thompson, A. E., Hart, J., Stefaniak, S., & Harvey, C. (2017). Exploring heterosexual adults' endorsement of the sexual double standard among initiators of consensually nonmonogamous relationship behaviors. *Sex Roles, 79*, 228-238.
- Zhang, Y., Miller, L. E., & Harrison, K. (2008). The relationship between exposure to sexual music videos and young adults' sexual attitudes. *Journal of Broadcasting & Electronic Media, 52*, 368-386.